

Director, Proprietário e Editor  
Monsenhor PEREIRA DOS REIS

Redacção e Administração: Secretariado Nacional do Monumento — Rua dos Douradores, 57 — LISBOA

Composto e impresso na Tipografia das Oficinas de S. José — Travessa dos Prazeres, 34 — LISBOA

COM A APROVAÇÃO  
DA AUTORIDADE  
ECLESIASTICA

# MONUMENTO

ÓRGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

## SEIS MIL CONTOS



### BENFEITORES INSIGNES

10.000\$00 — 1937

J. A. Cunha

10.000\$00 — 1938

Waldemar Iara d'Orey e sua esposa

100.000\$00 — 1946

Anónimo — por intermédio do Reverendo Sr. Padre António Antunes Abranches, pároco de Nossa Senhora de Fátima.

20.000\$00 — 1950

Dr. Ricardo Espírito Santo — por intermédio do Senhor Cardeal Patriarca

10.000\$00 — 1950

D. Manuel de Melo (Cartaxo) D. Amélia da Silva de Melo (Cartaxo), D. Cristina Rezende da Silva.

10.000\$00 — 1951

Duquesa de Cadaval; Viscondessa de S. Gião; D. Maria Luísa M. da Silveira e Serpa (S. Gião)

N. B. — Consideram-se Benfeitores Insignes os que contribuírem com o mínimo de dez mil escudos e daí para cima. Terão o seu nome gravado na capela do Monumento.

EM 20 DE ABRIL completaram-se ONZE ANOS de feito pelos Senhores Bispos de Portugal o voto de erguer o Monumento de Cristo Rei, que nos livrou da guerra.

A 15 DE MAIO perfazem-se SEIS ANOS da volta da paz à Europa.

E NO DIA 4 DE JUNHO completam-se CATORZE ANOS de lançada a subscrição do Monumento, na sua primeira fase, em todas as paróquias do Continente e Ilhas Adjacentes.

Apesar disso, e por causas bem conhecidas, a subscrição nacional está ainda só em

DOIS MIL E QUINHENTOS CONTOS. Os cálculos dos entendidos, por enquanto só em estimativa, avaliam o custo desta Obra em para cima de DEZ MIL CONTOS.

Parece uma imensidade de dinheiro, e afinal não passa de uma simples migalha, para ricos e pobres, porque o encargo do Monumento deve ser, tem de ser, é de rigorosa justiça que seja, distribuído proporcionalmente por toda a nação, por todas as famílias e Instituições deste nosso Portugal que não só não perdeu uma única vida nem viu arrasada pela guerra uma só moradia dos seus habitantes, nem lutou com a miséria e a fome, mas até se enriqueceu e prosperou extraordinariamente por virtude da paz que disfrutou durante esses anos calamitosos.

Um voto, quando Deus o despacha, obriga em consciência, tanto aos pais e outros superiores que o fizeram, como aos filhos e súbditos em benefício dos quais ele foi feito. E obriga tanto mais gravemente, por dever de justiça, quanto maior é a graça pedida e o dom com que se prometeu retribuí-la ao Senhor.

ESTÁ À PROVA A HONRA DE PORTUGAL! ESTÁ À PROVA A FIDELIDADE DA NAÇÃO À PALAVRA QUE DEU AO SEU DEUS!

Não podemos alegar impossibilidade de cumprir o voto. Ele é até fácil, porque não somos poucos.

Há, só no Continente e Ilhas, MAIS DE 7 MILHÕES E MEIO DE CATÓLICOS; MAIS DE 1 MILHÃO E MEIO DE FAMÍLIAS CATÓLICAS; MAIS DE 4 MIL SACERDOTES; MILHARES DE PARÓQUIAS, associações religiosas e institutos católicos.

O PLANO TRIENAL, nem pesado aos ricos nem difícil aos remediados, oferece a todos o meio mais cómodo e eficiente de cumprirem este voto, e à nação inteira o modo prático de se desembaraçar rapidamente deste sério compromisso:

— 3 anos só de construção, 3 anos

só de subscrição—1950-1951-1952, ao mínimo de mil escudos cada ano ou, pelo menos, mil escudos nos três anos, POR INTEIRO OU EM PRESTAÇÕES. Mas incluindo, claro está, o ano de 1950 para quem só agora comece a contribuir.

Se não é impossível, nem sequer é difícil, este voto, porque HESITAR ENTÃO POR MAIS TEMPO? Deus manda que as promessas se cumpram sem demoras, que representam falta de gratidão e falta de respeito e consideração pela bondade e grandeza do Senhor. Se ficarmos à espera de dias mais desafogados, a realidade nos trará desgano completo, porque os tempos não irão tão cedo a melhor. E, antepor a esta obrigação do voto outras obras cuja execução, afinal, depende principalmente da magnanimidade divina, é inverter a ordem, é querer submeter à sua vontade de Deus, pondo-se fora, ao mesmo tempo, daquela Providência estabelecida por Ele quando

o Sacratíssimo Coração de Jesus nos promete a abundância das bênçãos do Céu nos lugares e nações onde for erguida a Imagem do seu Divino Coração.

\* \* \*

Os técnicos encarregados do Monumento garantem-nos a sua construção até ao fim de 1952, se nós lhes garantirmos os recursos. É preciso, para tanto, que a subscrição nacional se organize imediatamente em toda a parte. O mês de Junho, dedicado ao Sacratíssimo Coração de Jesus, deve ser o grande marco miliário do avanço da subscrição, da sua organização e alastramento em todas as Dioceses. Para que as obras não parem, depois de iniciadas, é necessário que, até Dezembro do corrente ano, a subscrição atinja pelo menos a soma de

SEIS MIL CONTOS!

Pracurai primeiro o Reino de Deus e tudo o mais vos será dado.

Coração Santo, tu reinarás!

## Move-me o Teu amor

Com imensa pena de o não poder reproduzir na íntegra, oferecemos aos nossos leitores este breve resumo da fervente e comovedora exortação do Senhor Arcebispo de Milene, na reunião das senhoras propagandistas do Monumento, na solene sessão de 6 de Março.

«Porque desejamos esta obra do Monumento? Primeiro, por motivo de fidelidade. Já aqui foi lembrado em termos comovidos. Em horas tempestuosas o Venerando Episcopado Português fez um voto ao Sagrado Coração de Jesus, se porventura o mal que já se adivinhava iminente não invadisse Portugal. Portugal, a nação fidelíssima, invocando os seus legítimos títulos de filha predilecta da Igreja, ergueria bem alto, para que todos os portugueses o vissem, Monumento que seria manifestação de fé, de esperança, de amor e de reconhecimento.

Sabemos que o mal passou e, a despeito de todas as dificuldades, quando pensamos na agonia sinistra e trágica de tantos povos, e nações, e famílias, desta velha Europa e de muitas outras partes do mundo, reconhecemos que Portugal foi na realidade um oásis de paz, onde pudemos viver na santa calma do Senhor e onde tantos infelizes se acolheram.

É um dever de fidelidade, disse. Os nossos Prelados empenharam a sua palavra de Pastores. Nós, filhos da Igreja, queremos que essa palavra possa cumprir-se. Mas este Monumento a Cristo Rei é ao mesmo tempo sentida manifestação de súplica. Sabemos lá, nós, o que será o dia de amanhã? As nuvens continuam a acastelar-se e os homens vivem num egoísmo atroz, que muitas vezes se transmuda em cóbica furiosa, dementada e até sacrílega.

Quem sabe, quem sabe se não estaremos em vésperas de acontecimentos dramaticamente piores. Pedimos, temos necessidade de pedir, ardentemente, fervorosamente, confiadamente; e este Monumento a Cristo Rei será como um grito de súplica, constantemente a erguer-se, para que Ele continui a preservar esta terra que é a terra da Mãe de Deus, que é a Terra de Santa Maria. Não são apenas motivos de agradecimento e de súplica, que nos levarão a desejar que o Monumento seja erguido no mais curto espaço de tempo. É o próprio amor. Muitas vezes, minhas Senhoras, a nossa devoção talvez seja demasiadamente profana. Deus só porque é Deus merece o nosso amor, merece o nosso reconhecimento, merece a nossa devoção fervorosa.

(Continua na 2.ª pág.)



A ESTÁTUA — Em 8 de Fevereiro deu por concluída a primeira maquete da estátua do Sacratíssimo Coração de Jesus, o escultor Mestre Francisco Franco. Sem ela não podiam os engenheiros proseguir o estudo do pedestal. Como era de esperar, o trabalho do escultor satisfiz plenamente os técnicos, a quem exclusivamente se destinava. Agora, enquanto a engenharia vai continuando os trabalhos de gabinete e de laboratório, Mestre Franco mete mãos à segunda maquete. Esta terá 4 metros de altura e será o modelo definitivo e perfeito para construção da imagem de Cristo Rei e para se reproduzir em estampas que muito esperamos nos ajudem a levar a todos os recantos de Portugal, de aquí e além-mar, a visão do monumento e o entusiasmo pela subscrição que o há-de erguer.

AS OBRAS — Começam no verão. Um Monumento como este, sem igual em terra portuguesa tanto pelo genero como pelo volume, não pode fazer-se com precipitações. Ninguém mais interessado na sua realização pronta e imediata, do que os técnicos encarregados dele. São eles que nos garantem o termo das obras no espaço de tempo anunciado. Não lhes faltamos nós com os recursos, e a sua palavra honrada nos dará concluída a obra até ao fim de 1952.

A PROPAGANDA — EM LISBOA — Na tarde de 6 de Março último, realizou-se no salão de conferências da Acção Católica, uma reunião magna de Senhoras das Comissões da Subscrição Nacional. Assistiram umas 200 e presidiu o Senhor Arcebispo de Milene como Vigário Geral do Patriarcado. A Secretária da propaganda, Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria da Conceição Pizarro de Melo, leu o Relatório deste primeiro ano de actividade em Lisboa; o Director do Secretariado Nacional do Monumento, Rev. P. Sebastião Pinto, expos o estado actual da obra e da subscrição em todo o país e os meios mais eficientes para a expansão e sucesso pronto e feliz da recolha de fundos. Falou por fim o Senhor Arcebispo. As palavras de Sua Excelência Reverendíssima, vão resumidas, no tro lugar. Emoção funda, entusiasmo confiante e decisão de ânimo, foram as notas dominantes desta excelente confraternização de almas, apaixonadas da Realza do Sacratíssimo Coração de Jesus.

Rádio Renascença, a benemérita emissora católica, gravou e radiodifundiu no dia seguinte o discurso do ilustre Prelado.

NOVAS COMISSOES — Em Março ficaram instaladas definitivamente as de Belém, Anjos e Santos-o-Velho. Outras se lhes seguirão, e praça a Deus que muito em breve, pois é destes grupos de apóstolas que depende o alastramento da subscrição a todas as zonas da cidade de Lisboa, e ao longo das linhas de Sintra e Cascais, esbordando logo para outras cidades e vilas do Patriarcado.

UM ALVITRE PERFUMADO — Logo depois da reunião de seis de Março, recebemos a carta seguinte:

«Tive o prazer de assistir à sessão de ontem, presidida pelo Senhor Arcebispo de Milene, e, ao ouvi-lo falar das mulheres que acompanharam o Senhor até ao Calvário e O ungram depois com perfumes dos mais raros, isso me fez pensar, primeiro, como as mulheres são sempre as mesmas através dos séculos, e iguais na sua maneira de sentir; e, depois, que qualquer de nós, as presentes àquela sessão, teríamos feito também assim nas mesmas circunstâncias.

E lembrei-me a seguir, que seria talvez consolador para o Sagrado Coração de Jesus, e para nós também, se, inspiradas nas palavras de Sua Excelência Reverendíssima, a que me referi, tomássemos a resolução seguinte: «Desta Quaresma até ao Natal, cada vez que pensássemos em comprar um perfume, nos privássemos dele, e puséssemos num dos mealheiros destinados aos donativos para o Monumento (ou num mealheiro destinado só a este tributo dos perfumes e posto no Secretariado) a importância do seu custo, em união com a compaixão, amor e dor das mulheres que assistiram à Crucifixão, e em união sobretudo com as dores de Nossa Senhora.

Se V. achar algum interesse na ideia, queira ter a bondade de a lançar da forma que achar mais conveniente. Maria»

A carta é de Lisboa; quem a subscreve, não se sabe. Mas a ideia ninguém poderá negar que é bela e praticável. Com sacrificio? Oçam então este caso:

O MEU PRIMEIRO ORDENADO — A mando do seu Rev.<sup>mo</sup> Prior, um Sacristão da Basílica da Estrela veio entregar-nos um sobrescrito. Abrimos: dentro a quantia de mil e trinta escudos e vinte centavos e um bilhete de visita com o nome e direcção cobertos a tinta, para se não conhecerem, tendo no verso estas simples palavras: «Para o Monumento de Cristo Rei: o meu primeiro ordenado». Era letra de mulher. Promessa? Prova de amor? — De certo uma coisa e outra. Um mês inteiro de trabalho, e de privação, para que o Monumento se levante depressa!

Perante este rasgo de generosidade sacrificada, ainda haverá quem, não sendo pobre, se julgue desobrigado de contribuir com o seu conto de réis para o Plano Trienal do Monumento?

Muito pode quem quer.

A VAQUINHA LEITEIRA — Tem uma, já, o Monumento. Uma piedosa família alentejana, das bandas de Montemor-o-Novo, a quem os recursos não sobram mas lhe sobeja a generosidade e o zelo da glória de Deus, comprou no verão passado uma vaca leiteira para as

# VAMOS ERGUÊ-LO!

crianças da casa e para dar leite, de esmola, aos doentes pobres do lugar. E, como o leite cresce, que fazer das sobras? Ganho para a casa, vendendo? Não senhor. O leite sobra vai ser todo para o Monumento de Cristo Rei. E de lá vem todos os meses para Lisboa, com as contas da herdade, o quinhão para o Sacratíssimo Coração de Jesus. Com isto pôde a dona da casa entregar já o seu 2.º conto de réis para o Plano Trienal.

Ah! que se o Ribatejo e o Alentejo, das mil herdades senhoreais, e tantíssimas casas boas espalhadas pelas outras Províncias de Portugal, se decidissem a imitar este exemplo, não seria preciso esperar anos para acumular os milhares de contos que o Monumento vai custar.

Ponham os seus rebanhos a louvar assim a Cristo Rei, como o deseja o Espírito Santo, no *Psalmo 148*: «Laudate Dominum... bestiae et universa pecora».

OS RESTOS FAZEM ARRANJO — Outra anónima, que se assina Maria da Conceição, foi a Roma, no Ano Santo e, na volta, mandou-nos num sobrescrito 570\$00 com estas palavras: «Envio esta quantia resultante das economias feitas durante a minha peregrinação a Roma, e que lá mesmo me ocorreu vir oferecer em Portugal para o Monumento de Cristo Rei».

Quem mais, querará mandar-nos sobras para a estátua de Cristo Rei?

Não desperdicem, não deitem fora. As «pedras» do Monumento, grandes ou pequenas, nele ficarão para sempre a merecer bênçãos para os que lá as puserem como preito de amor e gratidão, de súplica e de devoção.

«PEDRAS PEQUENINHAS» — POEMA DE AMOR GENEROSO — Esta oblação anual das crianças, feita na época do Natal de Jesus, tem sido de há muitos anos a propaganda mais animada e devota da Subscrição Nacional.

As crianças vão depor o seu óbolo no Presépio do Menino-Deus, e conjuntamente imploram a graça de o Monumento se fazer pela contribuição generosa de todos os católicos.

Esta oração dos pequeninos é um dos mais firmes esteios da nossa esperança.

Concluimos no presente n.º do nosso jornal a Subscrição das Pedras Pequenas no Natal de 1949.

No próximo número daremos conta do que elas foram no Natal de 1950.

A narrativa do que as crianças fazem para juntar as «Pedrinhas», é um verdadeiro poema de amor, um encanto e uma revelação do que pode a alma dos pequeninos ao serviço da glória de Deus!

Escrevia-nos do Sanatório D. Manuel II, Villa Nova de Gaia, em Janeiro, uma apóstola do Sacratíssimo Coração de Jesus: «As doentinhas depuseram as suas esmolas no Presépio; os que não puderam ir junto dele, foi a imagem do Menino Jesus levada até junto delas e aí lhe ofereceram as suas pedrinhas. Deram pouco, porque quase todas são pobres, mas deram com amor. Envio-lhe 120\$00, das doentinhas do Sanatório Rodrigues Semide, do Porto, o último Sanatório em que estive. Neste de «D. Manuel II» as doentinhas também fizeram um peditário. Sabendo disto uma que estava a morrer, disse com voz sumida: «Eu também quero dar». E deu a sua esmola. Morreu piedosamente no princípio de Fevereiro. Chamava-se Eugénia Guedes, e lá foi encontrar no sorriso de Jesus a prova do gosto que ela lhe deu com a sua «Pedrinha» de moribunda apaixonada da glória do Senhor». As «Pedrinhas» deste Sanatório de D. Manuel II, renderam 180\$00.

UMA BOA INSPIRAÇÃO — Esta veio do Porto em carta do fim de Março, muito simpática: «Nosso Senhor abençoou uma inspiração que ontem me veio à ideia: tenho estado muito doente e, pensei, posso morrer sem acabar o meu triênio (um conto de réis por ano) começado o ano passado. Se eu o liquidasse até ao fim deste mês? E se eu lembrasse a N. para fazer o mesmo?»

Escrevi-lhe cheia de confiança em Nosso Senhor e fui atendida. Que bom!».

A portadora, disso encarregada, trouxe-nos os quatro contos das duas amigas, e mais um conto da irmã da primeira, do Plano Trienal.

Boa lição esta, de fazer o bem enquanto é tempo, sem esperar o risco de morte ou uns fins de vida sem uso de razão ou sem domínio do que é seu. Os benfeitores vivos e defuntos do Monumento têm todos, logo, parte na Missa que diariamente é oferecida por eles até que se acabem as obras de construção.

ECOS DA AMÉRICA — A firma «Almeida & Bettencourt», de S. José da Califórnia — Estados Unidos — constituída por duas piedosas famílias açoreanas e consanguíneas, abriu em Janeiro deste ano a série dos Subscritores do Monumento na América. Enviou-nos, da sua parte, 210 dólares, contribuição da Senhora D. Maria Soares Almeida e seu marido Sr. Anselmo F. Almeida; e de sua filha Senhora D. Gertrudes S. Bettencourt com seu marido Sr. André Bettencourt e seus filhos menores André, Joseph, Maria, Margarida e Ana.

A esta contribuição juntou-se mais a de 30 dólares, oferecidos pela irmã da Senhora D. Gertrudes S. Bettencourt, Senhora D. Maria S. Silva, com seu marido Sr. José F. Silva e seus dois filhos José e Bárbara; e por seu irmão Sr. Joe C. Santos com sua esposa Senhora D. Carolina Santos.

Total — 240 dólares que deram, em moeda portuguesa, 6.936\$00. «A nossa intenção ao oferecer este dinheiro para o Monumento de Cristo Rei, é aplicar pelas almas de todos os nossos, falecidos, pelas nossas intenções e de todos os nossos, e para que Nosso Senhor e Nossa Senhora de Fátima nos livrem da guerra e de tudo quanto nos não pudermos livrar; e nos encaminhem pelo caminho da Salvação.»

Nestes termos, tão cristãos, se exprimiam estes belos corações de portugueses, firmes na sua fé católica, e fervorosos na sua piedade. O Sacratíssimo Coração de Jesus há-de ouvi-los!

FALEMOS AOS DE LÁ — O oferecimento destas famílias açoreanas foi provocado pela leitura de uma estampa das «Pedras Pequenas» das Crianças, que uma parente lhes mandou da Ilha Terceira. Têm aqui lição do muito que podem alcançar para o Monumento, as famílias do Continente de Portugal e dos Açores, por meio dos parentes e amigos seus residentes na América, no Brasil, Argentina, Venezuela e outras nações. Pedir para si próprio pode ser humilhante; mas pedir para o Sacratíssimo Coração de Jesus ser glorificado

O «MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS» — Esta excelente Revista, órgão oficial do Apostolado da Oração em Portugal e imprescindível para os Centros do A. O. e para os seus zeladores e associados, abriu nas suas colunas uma subscrição para o Monumento. Está ela já em 26.262\$80.

A iniciativa do «Mensagem» é justa, porque todos se devem interessar por esta obra; mas é também merecedora de louvor, e do agradecimento que aqui gostosamente lhe tributamos.

# MOVE-ME O TEU AMOR

(Continuação da pág. 1)

Recordo as palavras tão lindas daquele soneto imortal, que durante muito tempo foi atribuído a Santa Teresa doutora:

Não me move, meu Deus, para querer-te  
O céu, aos que te querem, prometido,  
Nem me move o inferno, tão temido,  
Para deixar, por isso, de ofender-te  
... ..  
Move-me o teu amor...

Nós temos, minhas senhoras, o dever de ajudar a cumprir o voto que os nossos Prelados fizeram. Temos também o dever de agradecer ao Senhor e de lhe suplicar a graça de que havemos necessidade, mas sobretudo de abrir a nossa alma em quente manifestação de amor fervoroso.

Já foi dito em termos, uns frios de estatística, outros de emoção sentida, a história límpida de almas que generosamente se dão e dão tudo o que possuem, como a da pobre criada de servir que ofereceu todo o seu ordenado, e que não pode ouvir-se sem que as lágrimas nos embaciem os olhos.

Quando a campanha do Monumento não tivesse outro efeito, teria sempre este de ser tesouro de graças, provocando esta generosidade que eleva o nível espiritual das pessoas que dão. Realiza-se plenamente a palavra de S. Paulo: *aqueles que dão, são afinal sempre aqueles que mais recebem.*

Que se pede? Primeiro, a organização. Organização em Lisboa, organização nas outras Dioceses.

Segundo, há que fazer propaganda. Propaganda intensa, generosa, dedicada e constante. Vale a pena fazer-se propaganda duma obra tão grande que, afinal, contribui para tornar melhor a própria pessoa, a família, e o nosso meio social. Mas, evidentemente, minhas se-

nhoras, não basta a propaganda, não basta a organização, se tudo isso ficar em quadros frios e rígidos de papel.

O que se pede principalmente é espírito de sacrificio, generosidade de trabalho, contributo de dedicação de todos os momentos. Precisamos todos de trabalhar. Eu sei aquilo de que V. Ex.<sup>ma</sup> são capazes. Aliás já o manifestaram e muitas vezes com obras. O que se conseguiu, em grande parte é fruto do trabalho e dedicação de V. Ex.<sup>ma</sup>. E foi sempre assim o coração da mulher.

Eu bem sei que nesta jornada V. Ex.<sup>ma</sup> não de encontrar imensas dificuldades. Este caso que foi relatado: (bater a uma porta e ser rejeitada ásperamente, com palavras agrestes), rasgar a alma de qualquer pessoa; rasga mais ferozmente a alma cândida e delicada de uma senhora. Não importa o sacrificio, mais sofreu o Senhor por nós. É preciso que haja sangue do coração, nesta cruzada de bem-fazer, para que ela seja verdadeiramente e profundamente eficaz. Alguém escreveu com razão: «Toda a obra grande do mundo tem de ser regada de sangue». As obras sempre fáceis são obras que não podem subsistir. Bendito o sofrimento que se torna em sangue, para que o sangue se faça luz, para que a luz se faça vida, para que a vida se faça glória. Minhas Senhoras, é preciso que cada um de nós saia desta reunião com o coração de apóstolo.

Que grande exército, que lindo exército este de almas enamoradas de Cristo, prontas para esta batalha, batalha de paz, batalha de luz, batalha de vida e batalha de glória. V. Ex.<sup>ma</sup> não são chamadas apenas a lutar. V. Ex.<sup>ma</sup> são também chamadas a vencer. Porque de facto nas lutas do espírito, quando temos Cristo por nós próprios, somos sempre vencedores, mesmo quando o mundo nos

espezinha. Vamos trabalhar, mas trabalhar com espírito de unidade, com espírito de disciplina. Não queremos ser franco-atiradores, mas queremos ser um exército bem organizado, que obedece docilmente, firmemente, à voz dos seus chefes.

V. Ex.<sup>ma</sup> sabem como o Senhor Cardeal Patriarca está interessado nesta obra. Nem nós estaríamos aqui reunidos se porventura Sua Eminência não se interessasse tanto pela realização do Monumento a Cristo Rei no mais curto espaço de tempo.

O Senhor Cardeal Patriarca para nós é Cristo presente na terra, porque a Igreja não é realidade vaga e distante, mas é uma presença de Cristo na pessoa dos Chefes. O Senhor Cardeal Patriarca pede, e suplica, o que para nós equivale a mandar, porque o pedido instante de Sua Eminência para nós é verdadeira ordem.

Se amanhã nos aparecesse o Senhor aí, em qualquer canto da rua, a pedir-nos um favor ou a dar-nos um conselho, com quanta devoção comovida nós fariamos pronta e jubilosamente o que nos fosse ordenado ou aconselhado!

Cristo, Nosso Senhor, manda por intermédio dos nossos Chefes.

Nós somos soldados, queremos ser soldados, temos honra de ser soldados, mas soldados valorosos, dedicados e fiéis. O nosso dever é cumprir, custe o que custar. É, afinal, o imperativo da nossa consciência humana, e sobretudo da nossa consciência cristã.

Minhas Senhoras, V. Ex.<sup>ma</sup> vão partir. A messe, por Deus, há-de alourar. O Monumento a Cristo Rei, na entrada do Tejo, será uma bênção perene de Cristo Senhor Nosso: bênção de luz, bênção de amor, para V. Ex.<sup>ma</sup>, para suas famílias, para Lisboa, para Portugal, para o Mundo inteiro.»



# Pedras pequeninas do Natal de 1949

PORTO — Água Longa, 40\$00; Águas Santas, 40\$00; Alpendurada, 40\$00; Baltar, 60\$00; Bitarães, 125\$00; Borba de Godim, 60\$00; Canelas, 27\$50; Canedo, 401\$30; Carregosa, 40\$; César, 50\$00; Codal, 53\$00; Esmoriz, 110\$00; Fiães, 50\$00; Fornos, 46\$00; Junqueiros, 50\$0; Junqueira, 90\$00; Jovim, 250\$00; Geão, 67\$50; Gondomar, 510\$00; Leça do Balio, 70\$00; Lomba, 60\$00; Louredo e Guizande, 245\$00; Luzim, 21\$00; Maceda, 220\$00; Madalena e Sepelos, 25\$70; Malta, 219\$60; Marecos, 35\$; Maureles, 100\$00; Mindelo, 60\$00; Mosteiro, 90\$00; Nogueira do Cravo, 20\$00; Pacos de Gaiolo, 35\$; Paraíso, 100\$00; Pedrosa, 122\$50; Rans, 50\$00; Recarel, 20\$00; Recezinhos — São Martinho, 50\$00; Refontoura, 103\$50; Refojos, 35\$00; Retorta, 25\$00; Rio Tinto, 150\$00; Roriz — Negrelos, 40\$00; Rôgo, 120\$90; Sandim, 267\$00; Sanguedo, 60\$00; Santa Maria de Avioso, 200\$00; S. Gonçalo de Amarante, 70\$00; S. Mamede de Coronados, 50\$00; São Martinho de Bougado, 300\$00; S. Martinho e Salvador, 282\$00; S. Salvador — Amarante, 140\$00; S. Tomé de Negrelos, 60\$00; S. Veríssimo, 40\$00; Seixezelo, 122\$30; Sermonde, 41\$70; Serzedo — Gaia, 43\$00; Sever, 285\$70; Silva Escura, 110\$00; Silvalde, 120\$00; Silveiras, 57\$50; Tautosá, 170\$00; Travanca, 50\$00; Vila Boa de Quires, 100\$00; Vila Caiz, 270\$00; Vila Chã, 50\$00; Vila Cova de Perrinho, 17\$; Vila Cova de Vez de Avis, 19\$00; Vila Maior, 82\$00; Vila da Feira, 120\$00; Vila Nova de Gaia, 50\$00; Vilarinho, 430\$00.

Asilo da Gandarinha — Cucujães, 50\$00; Asilo de Vilar, 26\$00; Casa de Santa Isabel — Afurada, 65\$00; Colégio Lourdes — Santo Tirso, 50\$00; Colégio Luso-Francês — Porto, 400\$00; Colégio Missionário de Ermesinde, 138\$50; Colégio de N.ª S.ª de Lourdes, 80\$00; Colégio de N.ª S.ª do Rosário, 600\$00; Colégio de Santa Teresa de Jesus — Santo Tirso, 100\$00; Escola Apostólica de Macieira de Cambra, 40\$00; Florinhas do Lar e Abrigo do Sagrado Coração de Jesus — Porto, 50\$00; Hospital Agostinho Ribeiro — Felgueiras, 240\$00; Hospital de Crianças Maria Pia — Porto, 60\$00; Hospital de Póvoa do Varzim, 75\$00; Hospital de S. João da Madeira, 100\$; Hospital de Santo Tirso, 100\$00; Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco — Porto, 330\$00; Posto Escolar de Pinheiro da Bemposta, 20\$00; Seminário de Vilar, 72\$00.

Colégio de N. Senhora da Paz — 1.000\$00.  
VILA REAL — Adoufe, 36\$00; Ardãos, 100\$00; Bustelo, 64\$50; Castedo e Cotas, 60\$; Chaves, 600\$00; Fornelos, 61\$10; Moucos, 50\$00; Ribeira de Pena, 25\$00; Salto, 260\$00; Sanjurge, 55\$00; Souto Maior e S. Lourenço de Riba Pinhão, 117\$00; Torre do Pinhão, 50\$00; Tourem, 20\$00; Valpaços, 70\$00; Vila Marim, 20\$00; Vila Pouca de Aguiar, 140\$00; Vilar de Nantes, 50\$00.

Asilo de N.ª S.ª das Dores — Vila Real, 20\$00; Hospital da Misericórdia de Chaves, 157\$00.

VISEU — Boaldeia, 20\$00; Bordonhos, 15\$; Caparrosa, 40\$00; Cunha Baixa, 129\$40; Dornelas, 40\$00; Esmolfe, 20\$00; Forninhos, 40\$; Insua, 30\$30; Mesquitela, 35\$00; Mouraz, 107\$00; Nelas, 400\$00; Oliveira de Frades, 48\$00; Pena Verde, 80\$00; Pinheiro de Lafões, 25\$00; Povollide, 70\$00; Queiriz, 10\$00; Ribeiradio, 20\$00; Santa Cruz da Trapa, 85\$; S. Joaninho, 40\$00; S. João da Cova, 50\$00; S. Vicente de Lafões, 41\$20; Sezures, 20\$00; Sobral Pichorro, 50\$00; Vila Cova de Tavares, 72\$00; Vila Boa, 203\$40.

Casa de Santa Joana — Insua, 21\$30; Colégio da Imaculada Conceição — Viseu, 300\$00; Colégio da Via Sacra — Viseu, 50\$00; Hospital da Misericórdia de Viseu, 320\$00; Reformatório do Bom Pastor de S. José — Viseu, 200\$.  
CABO VERDE — Santiago, 50\$00.

ANGRA — Catequese da Ilha de Santa Maria, 34\$00; Vila da Povoação — S. Miguel, 202\$00.

BRAGA — S. Tiago de Aldreu, 44\$00; Riba de Ave, 197\$00; Salvador da Vila — Arcos de Valdevez, 100\$00; Vilafontche — Arcos de Valdevez, 90\$00; Seixas, 137\$20.

EVORA — S. Geraldo — Montemor-o-Novo, 85\$00; Vila Fernando, 20\$00; Campo Maior, 50\$00.

GUARDA — Castelo Bom, 10\$00; Freineda, 10\$00.

PATRIARCADO — Escola Feminina do Lugar da Estrada — Atouguia da Baleia, 37\$; Estoril, 100\$00.

TOTAL de 1949: 78.410\$80.

## Aos Colégios

As Direções e alunos dos Colégios e Institutos, a quem remetemos gratuitamente o nosso jornal «O Monumento», rogamos instantemente que o levem e deem a ler e suas famílias e pessoas de suas relações, tornando-se assim beneméritos de nossa propaganda.

# SUBSCRIÇÃO NACIONAL

(De 1949 a 31 de Dezembro de 1950)

(Continuação do n. 2 da Série II de «O Monumento»)

### CABO VERDE

Angariado entre os passageiros a bordo do vapor Serpa Pinto, pelo Sr. António Pedro Malheiro — 486\$50.

### NOVA LISBOA

Henrique da Costa Guimarães — 500\$00.

### ANGOLA

D. Alice Ferreira da Silva — Regente do Posto Escolar de Barbaera — 150\$00; Centro do Apostolado da Oração de S. Paulo — Luanda—100\$; Superiora da Missão de S. Paulo—Luanda—100\$00; D. M.ª Isabel Fernandes — Mossamedes — 20\$00; D. Filomena Augusta da Silva — Luanda — 20\$00.

Angariado pelo sr. Carlos Borges de Sousa em Vila Henriques de Carvalho — Luanda: Abílio José de Sá — 20\$00; Alexandre Afonso Pinto — 100\$00; D. Leopoldina Alves Pinto — 50\$00; D. Lídia, Nuno e Adellina Alves Pinto — 30\$00; Alfredo Correia — 150\$00; Américo Barreiros — 50\$00; D. Maria do Céu Mendes

Barreiros — 30\$00; D. Maria Antonieta Mendes Barreiros — 20\$00; Ângelo Pereira — 20\$00; D. Maria José Gomes Pereira — 10\$00; José e Arsenio Gomes Pereira — 20\$00; António da Encarnação — 50\$00; Fanny A. Azevedo Encarnação — 30\$00; Doadato e Rui Azevedo Encarnação — 40\$00; António Gomes Moura — 100\$00; D. Maria Alice Silva Moura — 50\$00; António Manico — 5\$00; António Pereira — 50\$00; D. Generosa Brito Pereira — 50\$00; António Roque (Dr.) — 200\$00; D. Alice Matos Roque — 100\$00; D. Maria Amália e João Matos Roque — 200\$00; António Vieira Dias — 100\$00; D. Maria Augusta Vieira Dias — 50\$00; D. Patrocínia Maria Vieira Dias — 20\$00; Armando Botelho — 500\$00; Artur Baptista — 50\$00; Augusto de Aragão — 100\$00; Augusto Barcelos — 50\$00; Augusto Cunha — 20\$00; D. Maria Amélia Cunha — 10\$00; D. Luciana Maria e Lourdes Cunha — 20\$00; Caetano Sousa Neto — 20\$00; D. Maria Isabel Neto — 10\$00; Camilo Augusto Lisboa — 50\$00; Carlos Trigo Borges de Sousa — 200\$00; D. Maria Júlia

Carvalho Borges de Sousa — 100\$00; José Maria, Maria Luísa, Maria Isabel, Maria Leonor e Maria Benedita Carvalho Borges de Sousa — 200\$00; Carlos Graça — 100\$00; Carlos Lino da Silva 500\$00; D. Emília Lino da Silva — 100\$00; Celestino Pereira dos Santos — 30\$00; Jorge, Amélia e Mariana dos Santos — 30\$00; Daniel Ferreira — 100\$00; D. Deolinda e Isaura Ferreira — 200\$00; Domingos Charala Lopes — 100\$00; Celene Freitas Lopes — 50\$00; D. Leonilde e D. Maria de Lourdes Freitas Lopes — 100\$00; Eduardo Mota — 50\$00; Eduardo Rodrigues — 100\$00; D. Maria José Rodrigues — 50\$00; Eurico Franca e Almeida — 100\$00; Fernando Brandão — 100\$00; Francisco Mota — 50\$00; D. Maria Paiva Ferreira Mota — 50\$00; Gualter Rego — 100\$00; Horácio de Sá—1.000\$00; Humberto Rego — 150\$00; D. Emília e Augusto Rego — 100\$00; Isaac Teixeira — 10\$; D. Maria do Céu Teixeira — 10\$00; D. Maria Isabel Teixeira — 100\$00; João Abraão Júnior — 100\$00; D. Manuela Carmelo e Moileiro Abraão — 50\$00; D. Maria Antonieta e João Manuel Abraão — 50\$00; João Fernandes Torrão — 200\$00; D. Maria Amélia Vaz Torrão—100\$; D. Maria Luísa e D. Maria Teresa Vaz Torrão — 200\$00; João Manuel Trigo de Castro — 100\$00; Dr.ª Juracy C. Pires de Castro — 50\$00; D. Maria Conceição de Castro — 10\$00; Joaquim Bernardo Lopes — 10\$00; D. Maria Alice Pais — 20\$00; Carlos e Anabela Lopes — 20\$00; Joaquim Dias Alemão — 100\$00; José Alves Correia — 50\$00; José António Cipriano — 100\$00; José Botelho — 100\$00; José Guerra — 100\$00; D. Elvira Antunes Guerra — 50\$00; José J. Pessoa Trigo — 20\$00; José Joaquim da Costa — 10\$00; Joaquim, Alfredo e Filomena da Costa — 25\$; José dos Santos Amaral — 20\$00; José Sequeira — 100\$00; D. Olga Sequeira — 100\$00; Regina, Maria, Belmira, António, Joaquim — 60\$00; José Rodrigues — 50\$00; Lourenço Domingos Gaspar — 10\$00; Luís Botelho — 50\$00; Manuel Almeida Vizinho — 100\$00; D. Maria da Lourdes Favela Vizinho — 50\$00; Carlos Manuel Favela Vizinho — 50\$00; Manuel Cerejeira Fontes — 300\$00; D. Isabelina Correia Guedes Fontes — 200\$00; D. Isalina Correia Guedes Fontes — 200\$00; Manuel Pereira — 200\$00; D. Felisberta dos Santos Pereira — 100\$00; Manuel Santana Ribeiro dos Santos — 300\$00; D. Manuela Soares Ribeiro dos Santos — 100\$00; Manuel Soares Ribeiro dos Santos — 100\$00; Mateus Agostinho — 100\$00; D. Elisa Policarpo Santos Agostinho — 50\$00; D. Maria Vitória, Carlos e Virgílio — 30\$00; D. Maria Olimpia de Moraes — 100\$00; Missão Católica de Saurimo—300\$00; Pedro Rosário — 15\$00; Petters Jacobus Willers — 200\$00; Raúl Barcelos — 100\$00; Rickert — 50\$00; Rui Vieira — 100\$00; Sardinha — 50\$00; Vitor de Sá — 100\$00; Zefereino — 25\$00; D. Fernanda Pereira da Silva — 25\$00; António Maria Edite Silva Moura — 30\$00.

### BRAGA

1.028\$40 — (360 belgas), por intermédio do Sr. Francisco José Calheiros de Abreu — Amaros; 500\$00 — Uma família de Nevogilde; 250\$00 — Dr. Carlos da Silva Araújo — Louro — Famacão; 220\$00 — Freguesia de Verim — Póvoa de Lanhoso; 123\$00 — Armando Amadeu Barreto Marques; 100\$00 — D. Emília de Oliveira Pimenta, D. Beatriz Cabral da Silveira e sua família, D. Maria da Luz Gomes, por intermédio do Rev. P. José de Campos — Póvoa do Varzim, Anónimo por intermédio do Mensageiro do Coração de Jesus, Francisco Pereira Coutinho em sufrágio de sua esposa, Casa dos Pobres de Guimarães, P. Manuel Caldas—Mazedo—Monção, P. Adolfo da Cunha Leite Meireles — Pároco de Molares — Celorico de Basto, P. António Martins Carneiro — Capelão de Santa Luzia — Viana do Castelo, D. Idalina A. de Oliveira, Anónimo pela conversão de um pecador; 50\$00 — P. Francisco Dias Cobelo Soares — Fão, P. Francisco Ribeiro — Pároco de Palma — Barcelos, Freguesia de S. João de Rei — Póvoa de Lanhoso, Anónimo por intermédio do Sr. Abade de S. Vicente, D. Maria J. R. Nabal — Argela — Caminha, D. Olívia Costa Rodrigues; 40\$00 — Anónimo por intermédio do Mensageiro do Coração de Jesus; 39\$ — P. Narciso Torres dos Reis — Aguiar (Barcelos); 32\$00 — Anónimo; 30\$00 — D. Maria Adelaide Pelette, Anónima; 27\$00 — Reitor de Espozende; 20\$00 — P. Gaspar Himalaia da Rocha Fernandes — Jolda (Arcos de Valdevez), D. Isabel Ferraz de Sousa, D. Amélia Gonçalves — Soutelo, D. Virgínia da Glória Dias, Anónimo de Santa Cruz, Anónima de Braga, José de Barros Dantas — Soutelo, Associados do A. O. de Nevogilde, Anónima — Vila Verde, Dr. Sousa Ribeiro — Espozende; 10\$00 — D. Joaquina do Nascimento — Miragaia.

(Continua)

## ALA DOS BENEMÉRITOS DO MONUMENTO

*Famílias, homens e senhoras independentes que no triénio 1950-51-52 subscrevem, por inteiro ou em prestações, a contribuição mínima de mil escudos cada ano ou, pelo menos, mil escudos nos três anos.*

### BRAGANÇA

1.000\$00 por inteiro:  
Manuel Inácio de Melo.

### ÉVORA

2.000\$00:  
Jacinto da Costa Silveiros — Coruche.

1.000\$00 por inteiro:  
Simão Martins Pereira Farinha — Redondo.

### FUNCHAL

3.000\$00 por inteiro:  
D. Margarida da Câmara.

### LISBOA

5.000\$00:  
António Pinto Basto e Esposa.

4.000\$00:  
D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz e seu marido.

3.000\$00 por inteiro:  
D. Alda da Silva Cravo, D. Laura Leitão Rego, D. Maria do Carmo Bruscky, Condessa de Mendia, D. Ana Godinho, Marquesa de Rio Maior, Anónima de Lisboa, D. Maria José Serpa Oliveira, D. Lucinda dos Santos Pereira, D. Maria Graziela de Lacerda, D. Maria de Mello, Rev. Cônego Francisco Maria Félix, D. Francisco Gouveia Júnior Franco.

3.000\$00 em prestações:  
Dr. Juiz António Maximino Branco de Melo, Marquesa de Mendia, Empresa da Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental, D. Judite Antunes Gomes Teixeira, D. Maria Jenny Mendes de Aragão Teixeira, P. José Moreira da Cunha — Superior da Residência da Lapa (2.ª Prestação), D. Helena de Azevedo Pires, D. Maria Isabel Viana Roquette, Viscondessa de Coruche, 3 devotos do Sagrado Coração de Jesus, D. Maria do Carmo Penalva, D. Carmen d'Orrey Velasco, J. Pinheiro Ribeiro, Família Centeno, José Perestrelo Guimarães e Esposa, D. Maria do Carmo de Lemos Trigo, Vasco de Macedo Coutinho, Carlos Alberto Branco dos Santos, D. Berta de Sousa Macieira, D. António de Siqueira (S. Martinho) — Alenquer (2.ª prestação), Anónima do Estoril, por intermédio de Mons. Moita (2.ª prestação).

2.000\$00:  
D. Elvira de Carvalho, D. Isabel Luz Coruche (2.ª prestação com a qual completou a oferta de 5.000\$00).

1.800\$00 em prestações:  
D. Clementina Lopes Coelho.

1.500\$00 em prestações:  
D. Carolina da Nazaré Oliveira, Luís Soares Ribeiro.

1.000\$00 por inteiro:  
Condessa de Riba d'Ave, Conde de Carnide, D. Assunção Morales de Los Rios da Câmara, José Froes, Visconde de Botelho, D. Antónia da Câmara Rebelo de Andrade, D. Maria de Lourdes Taveira da Gama, Manuel Borlholza,

D. Maria A. Benard Mantero, Companhia Agrícola das Neves, D. Manuela Araújo, D. Eugénia da Costa Cardoso — Estoril, D. Raquel Maria da Costa Cardoso — Estoril, Mons. Cesar Ferreira dos Santos, P. Moisés da Silva, D. Isabel e José Gomes da Costa, D. Isabel Maria A. Albuquerque, D. Lucília Silveira Ramos, Eduardo Craso, D. Berta Folque Possolo, P. Francisco Santos Costa, António Augusto de Oliveira Carvalho, Um anónimo, D. Maria do Carmo Duarte de Jesus, Anónimo, Manuel Maria Cabral de Macedo, D. Fernanda Sampaio, D. Eugénia Pessoa de Amorim Ferreira, D. Fernanda Ferin Cunha, D. Mafalda da Câmara Dória, D. Maria de Lourdes Pelejo, D. Maria da Pureza Cabral, D. Helena Antunes dos Santos Leão, Dr. António C. Cruz Alvura, António Augusto de Oliveira Carvalho, Anónimo, D. Maria da Providência Azevedo, Vasco Horta e Costa, D. Maria Amélia de Almeida e Nápoles de Carvalho de Moura, D. Josefina Alves, D. Maria de Novais Athaide Henriques, J. J. B. S. da Freguesia de S. Nicolau, F. B. G. da Freguesia de S. Nicolau.

1.000\$00 em prestações:  
D. José Vaz de Almada, Vasco Almeida Coelho, Eng.º Castelo Branco, Domingos Uva, D. Maria Homem de Melo, D. Amélia Gomes da Silva, D. Maria José e António Sousa Monteiro, Viuva Macieira & Filhos, Dr. José Coelho da Cunha, D. Jerónima da Câmara Berquó, D. Ana da Câmara Berquó de Alpoim, D. Alda Correia da Costa, D. Maria Umbelina Abreu Luz, D. Verdiana Monteiro Vigário, D. Maria das Dores Martins, D. Maria da Graça Laflorens, D. Carolina de Castro Freire, D. Maria da Assunção Viana Siqueira, D. Helena Esteves, Família Roquette Viana, Horácio Pimentel, D. Laura A. da Costa Macedo Oliveira Martins, Condessa de Casal Ribeiro, Domingos Maria de Oliveira Martins, D. Thomazia Alves Pereira, José Diogo d'Orrey Quintela, D. Amélia Gomes Barbosa, D. Beatriz Sarmiento, D. Maria Inácia de Albergaria Albuquerque, D. Margarida de Almeida Lima, António Casal Ribeiro, D. Maria Justina Santos, D. Maria Carlota Lemos Cabedo e Irmãos, D. Carmen Ramalheira, D. Maria Manuel Fontana Reis, D. Isabel Burnay Belo, D. Maria das Dores L. Alveo Oliveira, D. Maria Luísa A. dos Santos, Gonçalves Lourenço, Salter Cid, Leonia Cid, D. Maria de Lourdes da Cunha d'Eça, D. Maria Inácia de Albergaria de Albuquerque, Dr. Juiz Jerónimo Braga de Carvalho, Centro do Apostolado da Oração do Seixal.

### PORTALEGRE

1.000\$00 por inteiro:  
Uma anónima de Portalegre.

### PORTO

1.000\$00 por inteiro:  
Um professor de Licen, por intermédio do Sr. P. Tobias Ferraz Barcelos, Anónimo, D. Maria Antónia Montenegro, D. Maria da Glória Montenegro — Tabuado — Marco de Canavezes.

1.000\$00 em prestações:  
Arnaldo Marques de Queiroz — Livração.

### ESTRANGEIRO — Califórnia

240 dólares:  
D. Gertrudes S. Bettencout, sua família e parentes.

Total da Subscrição 2.556.065\$00



# Pela Canonização de Nun'Alvares

## HERÓI E SANTO

*Herói Santo! Mais Santo que guerreiro,  
Quanto é mais nobre e de maior valor  
Servir e amar em tudo a Deus primeiro  
E, n'Ele, a Pátria e ao seu Real Senhor!*

*Ao desprezar o mundo lisongeiro,  
Não teve a Portugal menos amor,  
Pois fez da sua cela um tal braseiro  
Que a todos aquecia em seu calor...*

*A voz do povo, que é Voz de Deus,  
Chamou-lhe Santo — antes de ir aos Céus  
Ao galardão de bem-aventurado.*

*Portugal! Já é tempo! Em oração!  
Levanta as mãos a Deus com devoção  
E o teu Herói será canonizado.*

V. P. — 1951

## CRUZADA DE ORAÇÕES

No dia 6 de Março último acabou o 2.º ano da nossa Cruzada Nacional de Orações pela Canonização do Beato Nuno de Santa Maria. Entrámos, por conseguinte, no terceiro, mas com esperança, ainda mais firme, de que o Céu nos concederá a graça que Portugal lhe pede com tamanha instância.

Anima-nos à perseverança e a redobrado esforço de prece, o êxito feliz da Campanha de Súplicas com que se mereceu a canonização de S. João de Brito. Foi também só no 3.º ano de oração que os milagres do grande missionário-mártir surgiram. Parece ser lei para estas coisas divinas a que em tantos casos regula as humanas e se anuncia naqueles conhecidos termos: *cum tres tem uer*.

Mas o motivo principal da nossa confiança é, da parte de Deus, o seu imenso desejo de que a Igreja seja Mãe de Santos. Por esta nota da Santidade eminente quis o Senhor se distinguir das religiões falsas e da falsidade das heresias, a Sua única e verdadeira Igreja. Pedindo a Deus que nos dê Santos, pedimos-lhe portanto o que mais gosto lhe dá. E não esqueçamos a promessa divina de que tudo é possível a quem puser confiança absoluta na bondade de Deus: omnia possibilia credenti.

Da parte do Beato Nuno, incute-nos alento não só a santidade que mostrou em vida e os milagres que fez aos do seu tempo, mas também as graças que ele vai multiplicando à medida que os portugueses vão recorrendo ao seu poder junto do Altíssimo.

### CRIANÇAS! MOCIDADE!

**HOMENS E MULHERES DE PORTUGAL!  
A ORAÇÃO TUDO ALCANÇA  
DEUS OUVE AS NOSSAS PRECES.  
SE ORARDES, NUN'ALVARES SERÁ CANONIZADO.**

\*\*\*

## GRINALDA ESPIRITUAL DE NOVEMBRO DE 1950

A oração, reforçada pelos Sacramentos e pelo sacrifício e outros actos de virtude, adquire um valor a que Deus não costuma resistir.

A Cruzada Eucarística das Crianças, fiel ao seu lema:

*Ora! Comunga! Sacrifica-te! Sê Apóstolo!* cumpriu a promessa de em todo o decurso de Novembro e especialmente nos dias da Novena do Santo Condestável, fazer colheita de Flores Espirituais pela Canonização. Na diocese de Coimbra, por encargo do Senhor Arcebispo-Bispo-Conde, fez a propagação e recolheu as «Flores» dos centros da C. E. C. da cidade e do campo, a Madre Maria Manuela de Brito, Superiora do Instituto Feminino de Cooperação Académica naquela cidade universitária. Bem haja, a zelosíssima Religiosa de Santa Doroteia, a quem o Monumento de Cristo Rei e a Cruzada do Beato Nuno são devedores de funda gratidão!

Se em toda a parte os dirigentes da C. E. C. se interessassem por esta causa, o volume da Grinalda Infantil atingirá proporções colossais. Deus o queira!

Estes os números:  
Missas, 17.019; Comunhões Sacramentais, 15.082; Comunhões Espirituais, 21.461; Bênçãos do Santíssimo, 3.956; Visitas ao Santíssimo, 17.253; Tercos, 43.006; Sacrifícios, 38.190; Boas obras, 13.034; Orações diversas, 37.750; Jaculatórias, 280.087.

## CENTROS QUE ENVIARAM FLORES ESPIRITUAIS

**BRAGA** — Colégio do Coração de Maria, Instituto Nun'Alvares, Seminário Conciliar, Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Moiteira de Rei — Fafe.

**COIMBRA** — S.ª Nova, Abrunheira, Assafarge, Cabril, Campelo, Figueiró dos Vinhos, Figueira de Lobão, Lagarteira, Serpins, Tentugal, Penalva de Alva, Travanca do Montego, S. Tiago da Guarda, Vila Cã, Vila Nova de Anços.

**ÉVORA** — S. Geraldo e Comenda.

**LAMEGO** — Magueija.

**LISBOA** — Alcântara, Beato, Santa Catarina, Santo Condestável, Santa Engrácia, Es-

treia, Fátima, S. Domingos, Santa Isabel, Penha de França, S. Vicente de Fora, Capela dos Triunfos, Amadora, Cascais, Cheleiros, Cruz Quebrada, Estoril, Monsanto, Instituto de Santa Madalena, Colégios: S. João de Brito, Santa Doroteia, Sagrado Coração de Maria, Jesus Maria José, Curso do Sagrado Coração de Jesus, Casa de trabalho de Carcavelos, Sanatório do Outão.

**PORTO** — Igreja de Nossa Senhora de Fátima; Colégio do Sardoal, Colégio de Nossa Senhora da Bonança — Gala, Providência de S. José, Patronato da Divina Providência — Espinho, Florinhas do Lar e Abrigo do Sagrado Coração de Jesus, Sanatório D. Manuel II — Paranhos.

**NOTA** — A Cooperação da Mocidade Portuguesa nesta Grinalda, está patente na contribuição Industrial de Ponta Delgada.

— O Instituto Nun'Alvares, das Caldas da Saúde, inscreveu a sua Grinalda em Dezembro à pena e com uma bela iluminura de Nossa Senhora e do pendão de Nun'Alvares.

— A participação dos Seminários, afirma-se nas Grinaldas dos de Braga — Nossa Senhora da Conceição e Conciliar.

— O Seminário de Leiria, como aos Seminários foi atribuído o mês de Janeiro para esta Cruzada — deu-se a ela de alma e coração em preces diárias, durante esse tempo de 1950.

Acrescentaram-lhes uma velada noturna na noite de 21 para 22 desse mês. No dia 22, além da Missa e Comunhão fizeram uma hora de adoração ao Santíssimo, em comum, unindo a sua intenção e preces às que se estariam fazendo nos outros Seminários.

Praxa a Deus que este belo exemplo da

velada nocturna contagie santamente todos os outros Seminários onde geralmente se tem feito com devoção e interesse a Novena do Beato Nuno.

— A Juventude Católica do Porto promoveu no mês de Abril findo uma Semana de oração, missas e comunhões diárias com uma velada nocturna na Sé, de Sábado para Domingo, concluindo com Missa solene presidida pelo Senhor Bispo, e uma sessão solene dedicada ao Beato Nuno. Tudo para alcançar a canonização do Herói Nacional. Regozijamo-nos com esta iniciativa, que foi excelente preparação para o muito que a J. C. terá que fazer, num futuro próximo, pela exaltação de Nun'Alvares.

## O BEATO NUNO NA COREIA

Uma senhora devotíssima do Santo Condestável e órfã dum oficial do exército que morreu em combate na Flandres, na guerra de 1914, pensou que seria conforto para os soldados da ONU e alento do seu esforço na guerra da Coréia, a devoção ao nosso Herói Nacional. Pediu-nos oito mil estampas da Cruzada de Canonização e conseguiu que o Sr. Morrison, agente da «Pan Air», muito gostosamente as enviasse ao Ministério da Guerra dos Estados Unidos com o pedido de este as remeter para a Coréia e mandar que fossem distribuídas. Como nas fileiras dos combatentes americanos andam muitos portugueses e filhos de portugueses residentes na América, é natural que a ideia desta senhora devota, de Lisboa, tenha tido ou venha a ter feliz acolhimento e salutar efeito entre os soldados católicos.

# Graças do Beato Nuno

## I — CURA DE DOENÇAS

— D. Mariana Dart de Castro Parreira Coelho — Angra, Ilha Terceira, Açores, a cura de pessoa querida, que todos julgavam perdida, com promessa de publicar a graça.

— D. Maria de Sousa do Vale, Lisboa — A cura de seu marido em doença com risco de graves complicações, e a graça de a suplicante não cair doente. Prometeu cinco escudos por cada uma destas graças, para a canonização e publicar a graça.

— D. Maria Carmelina Pinto Morais, Casal das Donas, Castendo (Beira Alta) — A cura de uma infecção na cara, proveniente de um dente, a qual o médico reputou grave tratando-a, mas sem esperança de que a doente ficasse sem defeito no rosto, pois tinha um abscesso prestes a rebentar e de perigosas consequências. Recorrendo ao Beato Nuno com promessa de publicar a graça, o abscesso desapareceu sem deixar vestígios. Enviou vinte escudos para a Canonização.

— Manuel Paulo Pires, aluno do 4.º ano de Teologia do Seminário de Bragança, escreveu-nos o seguinte: quase de repente, a menina Maria Claudina Pires, adoece com uma pneumonia que lhe tapa quase por completo as vias respiratórias. Esforça-se o médico em as desobstruir por meio de zaragatos e medicinas, mas em vão. Ao cabo de dois meses neste estado, fortes dores de cabeça e ouvidos acometem a pobre doente e começa-se a perder a esperança de cura e a família recorre especialmente ao Beato Nuno com a promessa de dar em trigo o correspondente ao peso da menina. Passados 15 a 25 dias começaram a vir as melhoras e a pequena curou-se.

O caso passou-se em Gomio — Miranda do Douro. — Bragança. Os pais cumpriram a promessa enviando 140\$00, preço do trigo.

— D. Maria Júlia do Nascimento Pereira, de Sequeiró, Caldas da Saúde — A cura rápida de doença grave da sua filhinha, com promessa de publicar a graça.

— D. Raquel de Faria Rodrigues, Ruivães Vila Nova de Famalicão — A cura rápida da menina Maria do Saneiro, muito doente e com mais de 40 graus de febre, com promessa de publicar a graça.

— D. Alice Correia, Lisboa — A cura de uma amiga com septicémia sobre uma operação recente.

E em Janeiro a cura de D. Maria Ferreira, de gripe fortíssima de carácter pneumónico e que não cedia à pncilina. Apenas a doente aplicou a pagela do Beato Nuno ao peito e outra no travesseiro logo a febre cedeu e a doente se curou pela virtude das orações da sua amiga ao Santo Condestável.

## II — FAVORES

— P. Maurício António de Freitas, St.ª Cruz das Flores, Açores — Uma graça, Enviou 100\$ para a Canonização.

— D. Abilinda M. Azevedo, do Porto — Uma graça, e 20\$00 para a Canonização.

— D. Augusta Bicker Ferreira, Carvoeira — Torres Vedras — Uma graça espiritual com promessa de a publicar.

— D. Angelina Pinto, Lisboa — A resolução de um caso difícil respeitante a seu filho, logo passados três dias de pedir esta graça.

— D. Maria do Carmo de Lencastre, Sanhoane — Douro — Duas graças temporais. Enviou 800\$00 para a canonização.

— Anónimo — A graça da visita de uma pessoa amiga, rezando para isso uma Ave Maria de manhã e à noite e com promessa de publicar este favor.

— Uma devota, de Fortaleza — Brasil — Uma graça.

— D. Helena de Jesus Lobato Gomes Moita, Algés — 2 grandes graças de ordem temporal, obtidas para seu filho, no princípio de duas Novenas ao Beato Nuno, uma em Janeiro deste ano, e outra em 11 de Setembro do ano passado. Promete espalhar a devoção ao Santo Condestável.

— D. Maria Ribeiro Silva, Ponta Delgada — Açores — O bom despacho de um negócio para pessoa de família em grande necessidade. Prometeu e enviou 20\$00 para a Canonização.

— D. Maria Helena H. Martins, Lisboa — Uma graça de ordem temporal depois de uma Novena e alguns meses de súplicas constantes.

— D. Maria Teresa Forte Pereira, de Setúbal — Quatro graças, a saber: dois empregos, ambos difíceis de alcançar; obter em poucos dias uma casa que tinha de ser alcançada em pouco tempo; a paz em duas casas onde um agente do demónio pretendia lançar o desespero e a desgraça.

— Herculano Pita Soares, tesoureiro de uma Câmara Municipal, a graça da sua colocação no Governo Civil de Santarém, como 2.º oficial, depois de a ter pedido ao Beato Nuno na capela de S. Jorge a caminho da Batalha e de Fátima. Desejava esta colocação para ficar mais perto de um seu filho que é aluno do Seminário de Santarém, e o Santo alcançou-lha.

— D. Maria de Sousa do Vale, Lisboa — Um emprego para uma sua filha, com promessa de uma esmola de 200\$00 para as obras da nova igreja do Santo Condestável e de publicar a graça. Enviou aquela soma para o Patriarcado de Lisboa, e deu 5\$00 para a Canonização.

— D. Maria da Graça de Almeida Coelho, Aguiar da Beira — Dornelas — Uma graça e 10\$00 para a Canonização.

— M. A. M. F., do Porto — A reconciliação, em prazo marcado e com promessa de publicar a graça, de um casal em grande desarmonia. Enviou dez escudos para a Canonização.

\*\*\*

PORTUGUESES: adquiri a nossa estampa do Beato Nuno e rezei por ela, cada manhã, o «oferecimento do vosso dia» e a súplica pela Canonização do Defensor da Pátria.

CATÓLICOS: invocai o Santo Condestável nos casos difíceis e mandai sem demora ao Secretariado de Lisboa a relação das graças que o Beato Nuno vos alcançou.

SEDE AGRADECIDOS: enviando-nos as vossas promessas e donativos para as grandes despesas da Cruzada da Canonização de Nuno Alvares.

## PROGRAMA DE DISTRIBUIÇÃO MENSAL DO ENCARGO DE ORAR

Pela Canonização do Beato Nuno comprometem-se a recitar diariamente a oração, a propagar a pagela que a traz e a induzir os crentes a recorrerem ao valimento do Condestável, em:

**Janeiro** — Seminários e Noelistas  
**Fevereiro** — Liga Católica Feminina e Juventude Católica Feminina.

**Março** — Liga Católica e Juventude Católica.  
**Abril** — Escuteiros, Soldados e Guarda de Honra.

**Maio** — Vicentinos e Vicentinas.  
**Junho** — Apostolado da Oração — Homens e Senhoras.

**Julho** — Carmelos e Ordens Terceiras Carmelitas.

**Agosto** — Ordens e Congregações Religiosas Masculinas e Femininas.

**Setembro** — Asilos, Sanatórios e Hospitais.

**Outubro** — Ordens Terceiras: Beneditina, Franciscana, Dominicana, e Marias dos Sacrários.

**Novembro** — Cruzada Eucarística das Crianças e Mocidade Portuguesa.

**Dezembro** — Congregados de Nossa Senhora e Filhas de Maria.

A oração incessante e dos portugueses todos, é devida e será triunfante na Cruzada pela Canonização do maior herói nacional e defensor da Pátria.

Pedi e recebeis!

# JOIAS

LISBOA

Anónima, por intermédio do Sr. P. Sebastião Pinto — 2 grilhões de ouro. D. Maria Antónia Carvalho Pereira — 1 cordão de ouro. Anónima — Abotadura de punho e camisa de madre-perola e diamantes; 2 alfinetes de gravata com brilhantes; 1 par de botões de camisa de platina e brilhantes; 1 broche de senhora de ouro e brilhantes. Freguesia de S. João da Praça — aliança de ouro de criança. Uma zeladora do Coração de Jesus da Freguesia de Belém — Par de brincos de ouro. Anónimo — Broche de metal amarelo; aliança de ouro com pequenina medalha; 2 pequeninos brilhantes; e medalha de madre-perola e ouro. D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa — Pulseira de ouro com berloques. D. Maria Emília Costa — Corrente de relógio em ouro. D. Maria Amália de Castro Oliveira — por intermédio de Mons. Moita — Estoril — Moeda de 20 escudos em ouro. D. Maria da Conceição e D. Elvira Correia — Lisboa — Anel de ouro; par de brincos de ouro. Rev. Pároco de Vila Nova de Tázem — 131 moedas antigas de níquel e cobre. D. Acácia Silva, por alma de sua irmã — Lisboa — aliança de ouro; par de brincos de ouro. D. Maria do Carmo da Cunha de Mendonça — Lisboa — Libra ouro. D. Maria Antónia Zanoletti Ramada Curto, por alma de sua irmã D. Carmen Ramada Curto de Moraes Vaz — Lisboa — Aliança de ouro. Anónima de Lisboa — 77 moedas de 5 tostões em prata (D. Carlos II). D. Áurea Lourinha — Sesimbra — Cinco mil réis em ouro. D. Cândida da Conceição Pereira — Lisboa — Meia libra ouro. José Rodrigues de Matos — Lisboa — Libra ouro. D. Matilde Henriques Rodrigues — Lisboa — Aliança de ouro. Anónimo de Ponte de Rol — 2 alianças de ouro. D. Margarida Olaio Sousa e Brito — Lisboa — Anel de ouro com uma água marinha e diamantes. D. Virgínia de Carvalho — Lisboa — Aliança de ouro. Anónimo — Lisboa — Alfinete de gravata de ouro com pedras; par de botões de punho de ouro. Miss Dunne — Estoril — Argola de gravata de ouro com diamantes. Por intermédio do Rev. Prior do Estoril — 2 anéis de ouro: fio de ouro. D. Margarida Carlota Baptista de Sousa — Lisboa — 2 solitários de Prata. Baronesa de Vilalba — Lisboa — Aliança de ouro. D. Consuelo Sousa Coutinho — Lisboa — Anel de ouro com uma pedra e diamantes. Anónima, por intermédio de D. Maria Isabel Roquette — Fio de ouro. Anónima, por intermédio de Maria Isabel Roquette — Aliança de ouro. Anónima — 2 alianças de casamento de ouro. D. Matilde Porto Queiroz — 1 libra ouro. D. Amélia de Queiroz — 1 libra ouro. D. Elisa Nazaré Botas, a seu pedido antes de falecer — Anel de ouro e libra de ouro. D. Ludovina Guerra — Anel de ouro; folhinha de ouro e platina com diamantes e uma caneta pena de pato de prata. Freguesia de S. Mamede — Par de brincos de ouro. Por intermédio do Rev. P. Sebastião Pinto — Fio de ouro.

PORTO

Eng.º Luís Cabral, de seus pais — 3 alianças de ouro. Rev. P. Manuel Rodrigues Silva — Pároco d Fundada — Anel de ouro.

LAMEGO

Rev. Pároco da Freguesia de Travanca — Sinfães — Castelo de Paiva — Corrente de ouro com medalha-libra ouro.

(Continua)